

Deutsche Bank: Brasil não terá como fugir da crise

Diretor do banco alemão e Rudi Dornbusch prevêm que o país não terá como suportar impacto de exportações asiáticas

Deborah Berlinck e Maria Luísa Abott

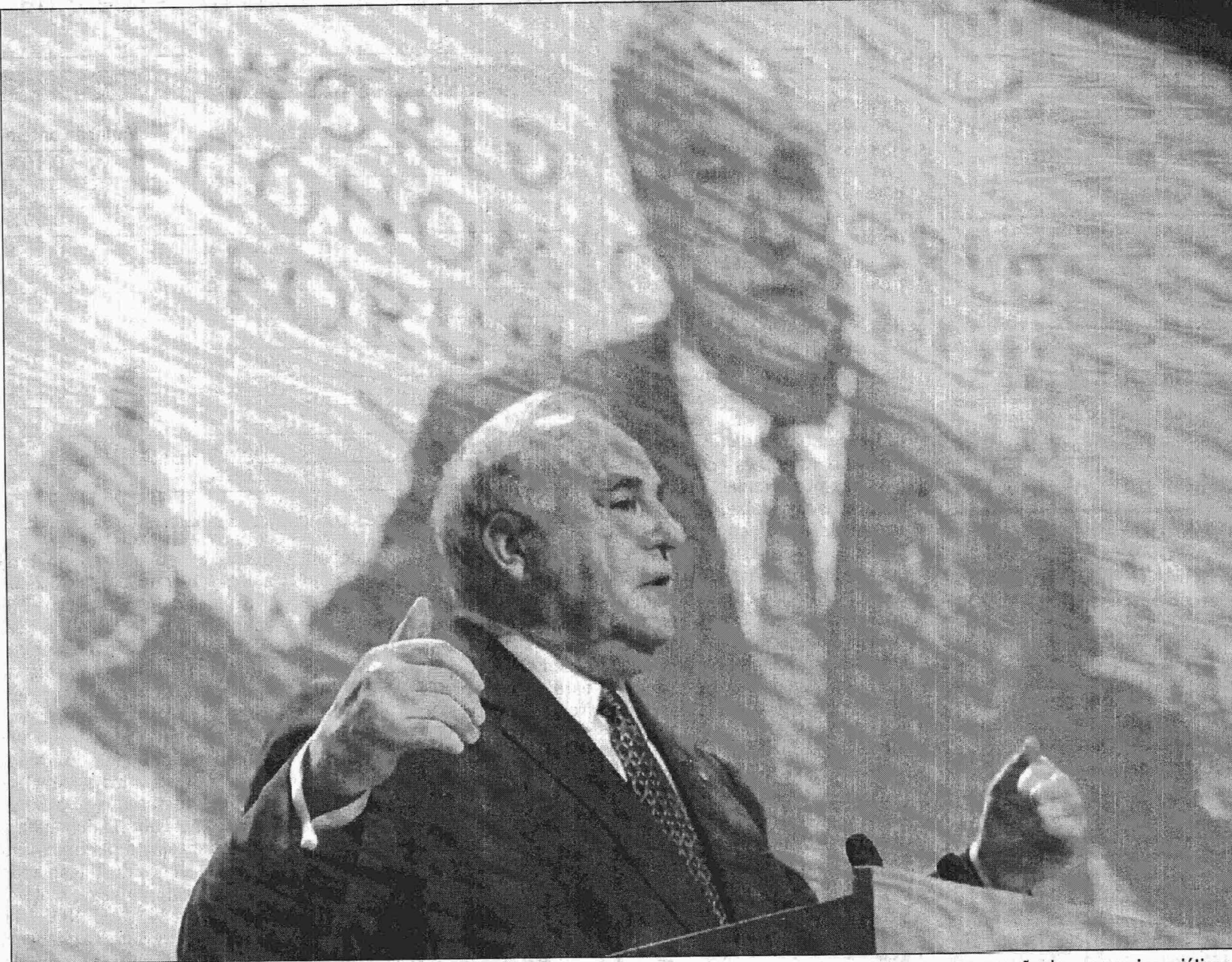
• DAVOS, WASHINGTON E LONDRES. O presidente Fernando Henrique Cardoso vai encontrar em Davos uma atmosfera bem diferente dos aplausos efusivos que recebeu em Zurique de executivos das grandes empresas estrangeiras instaladas no Brasil. Ontem, na abertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos — onde estão dois mil líderes políticos, empresários, banqueiros e economistas — alguns dos mais conceituados economistas levantaram dúvidas sobre a capacidade do Brasil de suportar a crise asiática.

Rudi Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachussets, foi um dos que falou da vulnerabilidade brasileira. Ele previu que Brasil e Rússia serão os próximos mercados emergentes a atingidos pela onda da crise financeira asiática. Mas quem soou o alarme foi Kennet Courtis, diretor de Estratégias do Deutsche Bank Group, o maior banco da Europa. Ele previu que a próxima a região a cair em desgraça será a América Latina. O Brasil e a Argentina, segundo ele, são os mais vulneráveis.

Numa entrevista ao GLOBO, Courtis disse que os riscos de desvalorização do real são maiores do que diz o Brasil:

—O Brasil já está sendo bastante sacudido com essa crise asiática e teve que aumentar impostos e juros. Mas nós estamos vendo que o superávit da conta corrente brasileira desapareceu, e o país está ficando com um déficit cada vez maior. Se, dentro de seis meses, a conta corrente do Brasil se deteriorar ainda mais, vai ser muito difícil o país recorrer a um aumento ainda maior das taxas de juros sem criar problemas para a economia.

Courtis alertou que, nos próximos seis meses, o mundo vai entrar num período de "falsa estabilidade, falsa calma e confiança". Por causa disso, um grande volume de recursos vai voltar a fluir para o mercado de bônus *bradie* (títulos da dívida externa brasileira). E o Brasil, por causa dos juros altos, pode atrair muitos in-



HELMUT KOHL, discursa na sessão de abertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos. O chanceler alemão confia na recuperação das economias asiáticas

vestimentos estrangeiros através desse canal. O resultado disso, disse o economista, é que o real vai ficar ainda mais sobrevalorizado para os investimentos estrangeiros de curto prazo.

—No momento, a crise asiática vai ser contida, e haverá uma certa estabilidade por conta do dinheiro que o FMI está injetando nas economias asiáticas e de alguns investimentos estrangeiros na região. Mas dentro de seis meses, quando os países asiáticos entrarem firme na estratégia de aumentar exportações, tornando-se os mais agressivos exportado-

res do mundo, obviamente países como o Brasil vão sofrer consequências extremamente severas. O Brasil vai entrar agora na mais difícil, competitiva e dura atmosfera de negócios que o país jamais viu — avisou.

Para o economista, as empresas que estão produzindo manufaturados sem preocupação com os avanços tecnológicos estão sob risco — caso das indústrias de aço, têxteis, eletrônicos, carros e auto-peças. Esses são justamente os setores onde o Brasil compete com Tailândia, Indonésia e Coreia.

Segundo ele, a chave para a crise está na mão de três países: Japão, China e Estados Unidos. O Japão, porque se conseguir arrumar o país e aumentar sua demanda doméstica, vai poder absorver boa parte dos produtos baratos do Sudeste da Ásia. A China é a segunda alternativa porque se os chineses tiverem que desvalorizar sua moeda, as consequências para o mercado mundial e para o Brasil serão ainda piores. E os Estados Unidos, porque são os únicos que podem baixar juros, dando um bom sinal para a economia mundial e aju-

dando a América Latina.

Na abertura da sessão de ontem, o chanceler alemão, Helmut Kohl, fez previsões mais otimistas sobre o destino da economia mundial. Segundo ele, apesar de todos os problemas que atingem o Sudeste da Ásia, a região acumulará força para fazer as reformas e ajustes necessários para vencer a crise.

Ontem, em Washington o presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA), Alan Greenspan, disse que a crise asiática deve frear o ritmo de crescimento americano, ajudando a manter a

inflação do país sob controle. Segundo Greenspan, que fez seu primeiro discurso do ano na Comissão de Orçamento do Senado, os Estados Unidos experimentaram até o momento apenas os efeitos colaterais da turbulência no Sudeste da Ásia. O impacto total da crise deve ser sentido até junho.

No próximos dias 3 e 4, o Fed se reúne para avaliar as taxas de juros do país. Wall Street recebeu o discurso de Greenspan como um sinal de que instituição manterá os juros no atual patamar. Com essa perspectiva, o índice Dow Jones, da Bolsa de Nova York, fechou em alta de 0,73%.

Na Ásia, não houve pregão na maioria dos países, em virtude das comemorações da chegada do Ano Novo Lunar. As bolsas abriram apenas na Tailândia, que registrou alta de 3%; em Tóquio, onde o índice Nikkei subiu 0,24%; e nas Filipinas, onde a alta foi de 0,82%. As bolsas européias mantiveram a tendência de alta observada na quarta-feira, por causa do bom desempenho de Wall Street e pela calma dos mercados da Ásia. A bolsa de Paris fechou em alta de 1,48%, em 3.138,15 pontos, um recorde histórico do pregão. Em Londres, que também registrou recorde histórico, de 5.422,4 pontos, a alta foi de 0,19%; e em Frankfurt, de 0,65%. No Brasil, a Bovespa subiu 0,12%, e a Bolsa do Rio, 1,05%.

— Antes do fim da primavera (junho), as dificuldades financeiras impostas a vários de nossos parceiros comerciais poderão ser sentidas aqui através de reduções no nosso volume de exportações e de um aumento da concorrência dos importados — previu Greenspan.

O presidente do Fed endossou o apelo feito presidente Bill Clinton, na terça-feira, para que o Congresso americano aprove uma contribuição adicional de US\$ 18 bilhões para os programas de socorro do Fundo Monetário Internacional (FMI) aos países asiáticos. Greenspan destacou, no entanto, que esses fundos podem nem vir a ser utilizados, porque a probabilidade de uma nova crise na Ásia é muito pequena.